

MISTERIO

A José Pacheco

I



SUA dôr era tão grande que pondo a mão na sua frente sentia todo o seu esqueleto.

O omnibus que o conduzia resvalava agora barulhento de ferragens pela Avenida monumental, e esse ruído acre, unindo-se ás luzes imensas que o fustigavam zebrando-se através das vidranças tilintantes, dava bem a expressão rítmica da sua alma actual. A sua alma de hoje era toda vidros partidos e sucata leprosa.

Disperso, o artista olhou em redor de si. Atentou no panorama que o envolvia e pôs-se a delirá-lo, seguindo-o na sua multiplicidade. Pois o scenario interior do auto-omnibus era inconstante; variava momento a momento em função da paisagem exterior: Ao dobrar as esquinas, os grandes predios e as arvores atravessavam-no resvalando em semi-circulo, e os candelabros zig-zagueantes vergavam-se enclavinhadamente, penetrando em rodopio pelas janelas.

Depois, o tranzeunte que esperara o carro num portal e subira com o veículo a andar, trazia ainda consigo o quadro da porta aonde se incrustára; bem como a rapariga gentil e europeia que se assentára agora ao lado dele, vibrava toda ainda de luar, perlada de movimento, pois correrá fugitiva do grupo das suas companheiras a trincarem, a rir, laranjas de Espanha—lá longe já—e sobre as quais, saudosa a alma, a lua de dezembro incidia écos de platina.

E no ambiente da mobilidade, olhando mais, ele distinguia, realmente distinguia á força de concentração, gomos de ar que se entrechocavam e sossobravam em catadupas, vértices esbatidos de luz, calotes de côr, planos que ora volteavam ora se detinham, harmonizando-se bizarramente, e eram assim—com as coisas que sustentavam ou traspassavam—uma beleza nova talvez, em todo o caso bem digna dum pintor imortal.

Desviando a sua atenção para as formas materiais que tinha em sua volta, o artista via agora as oscilações arripiadas e berrantes dos bancos vermelhos da primeira classe deserta, e as fisionomias multiplas dos passageiros cujos rostos se confundiam sucessivamente com os dos tranzeuntes que deslisavam pela rua, paralelos a eles, e que eram só os seus próprios quando o veículo parava . . .

O movimento! o movimento!—o grande renovador que tudo multiplica, e vibra, e delira . . .

Porque era a sua desolação tamanha? Precisamente porque a sua vida era uma existencia parada de alma e corpo—uma existencia onde nunca sucedera coisa alguma. *A sua vida era como se não existisse.* Por isso, uma tarde de ansia, o artista tomara a decisão esbraseada de a procurar febrilmente, de a construir por suas proprias mãos ungidias á força de aventura. E desde aí, elançara-se soffrego sobre o mundo, sobre a vida em suma, transpondo, correndo, estrebuchando . . . Mas nada até hoje vencera erguer dela para si. O seu corpo e a sua alma pareciam ter a estranha propriedade de afastar as horas, assim como, inversamente, o imán atrai o ferro. Tudo girava em seu redór e fugia; só ele era sempre o centro da enorme circumferencia. Deslocando-se em alma ou corpo, a querer aproximar-se do que lhe esvoava—ás horas o mesmo acontecia, de maneira que a sua posição era sempre a mesma relativamente ao que, cingindo-o, se lhe esgueirava em rodopio longinquo. Ele era aquele que não tinha papeis na suas gavetas, que podia mostrar a sua carteira a qualquer. Um criador. Por isso mesmo, quem sabe, não lhe existia a vida.

Orgulho! Orgulho! Mas em todo o caso o resgate, uma agonia tão sêca . . .

Entanto descera na grande praça. Chamou por si fortemente, e para maior ser a sua dôr, começou agora a ver-se em toda a lucidez.

Que desconforto! A sua alma era uma casa enorme, no inverno, com a mobília atravancada, forrada de sarapilheiras, e as janelas abertas por onde o vento se engolfava sibilante. . . e muito pó, sobretudo muito pó, em grandes rimas de livros e manuscritos.

Nada o atraía já nem o entusiasmava; as coisas raras que ainda não tivera positivamente, se acaso as aproximava, fugia-lhes na maior das disillusiones, como ainda essa manhã fugira da rapariguinha loira com quem almoçara.

Depois — e era essa a ultima tortura — o descalabro da sua alma, já ele o sofria fisicamente, traduzido por um torpôr constante, um sôno invencível — um desejo insaciavel de viver de olhos cerrados. E esse sôno, penetrando-o, era como que um alcool que o ruisse; não lhe entorpecia só o cerebro, embebedava-lhe todo o corpo. Pois esse sôno prostrado, ele sentia-o em toda a sua carne. Toda a sua carne tinha vontade de fechar os olhos.

Turbilhões de pensamentos por a minima coisa suscitados lhe sibilavam no espirito sempre redemoinhante, e mesmo quando em verdade não pensava em coisa alguma, sentia emtanto, nitidamente sentia, o seu cerebro a trabalhar. Apenas a sua febre lhe não chegava aos ouvidos. Martírio sem nome! Martírio sem nome!

Ah! se pudesse descansar emfim . . . E antevisionava um quarto de hospital, muito branco, aonde, para não mais se erguer, se deitasse num grande leito, muito branco tambem.

Outras vezes, fustigavam-no ideias despropositadas, sobretudo lembranças vagas, reminiscencias infimas que lhe ocorriam sem motivo. E assim, agora mesmo, de subito, lhe acudira a recordação bem nitida dum dia de chuva da sua infancia que vivera em uma praia do norte, no seu país. Chovera todo o dia, sinistramente, torrencialmente. O ceu conservara-se noturno, houvera relampagos, trovões, muito vento — ah, um vento horrivel que silvara desolador, arripiante, pelas ruas do pequeno jardim do chalet. Era já pelo outono. E as folhas sêcas, amarelas, as folhas mortas, haviam redemoinhado largo tempo, vergastadas sem piedade de encontro ás vidraças.

Mas pela tarde amainara o temporal. Morrera o vento, cessara a chuva, tinha-se asulado o ceu. E o sol, um sol triste, o sol nostalgico das tardes outonais, surgira amoravel, confortadoramente dourado. Então, com a velha ama de seu pai, fôra a comprar pão de milho, pão quente e loiro a sair do grande forno provinciano. E lembrava-se tão bem das ruas alagadas, das ruas estreitas e cinzentas, friamente cheirosas á humidade penetrante do ar que o sol fraco iluminava . . .

Mas porque motivo, ai, porque motivo, lhe viera ao espirito essa tarde banal da sua infancia, só humida e chuvosa? Porque motivo? Porque na sua alma — descobriu com horror — êle tinha hoje a mesma sensação de desconforto estagnado: Sim, na sua alma havia hoje a mesma humidade penetrante, esguamente arrepanhada, que desolara uma tarde agreste da sua infancia . . .

Em voz débil, um mendigo suplicou-lhe uma esmola. Era um velho homem de barba florida, e alto, e heraldico, tiritante de frio. O artista levou a mão á algibeira. Tirou algumas moedas de cobre, estendeu-lhas. O velho homem agradeceu. É assim como muitas vezes chorara a infancia das pessoas idosas que estimava, uma piedade infinita começou agora a tortura-lo — piedade por todos os que sofriam, e mesmo pelos que não sofriam: os felizes, os mediocres, toda a gente . . . Á força de egoismo, sentia-se quasi morto de ternura compadecida.

Entre estes pensamentos esmagadores, chegou ao seu quarto. Era um vasto aposento num bom hotel, atapetado, confortavel, do qual emtanto êle desertava todos as horas que lhe era possivel. Pois quando, especialmente de dia, se encontrava nesse quarto, parecia-lhe que todos os móveis e os reposteiros o traspassavam, e que as proprias paredes, mimando esgares obscenos, cresciam sôbre ele a esmagá-lo. Uma noite acordara até horrorizado: A casa inteira endoicecera e, se não fugisse para o corredor, decerto que, numa loucura furiosa, as cadeiras e o guarda-vestidos de mogno o teriam estrangulado. Tratara-se apenas dum pesadelo, era claro, tão estrambótico porém que, embora medonho, o fizera rir sózinho ás gargalhadas quando acordara dêle.

Deitou-se logo e, antes de adormecer, pensou ainda: « Todo o meu sofrimento provém d'isto: sou um barco sem amarras que vai bêbado ao sabor das correntes. Se conseguisse lançar ancoras . . . Mas aonde . . . aonde? . . . ».

E na manhã seguinte, após um sôno seguido de dez horas, acordou morto de sôno para viver mais um dia igual e vazio da sua vida . . .

Logo de manhã lembrara-se: «Que sensação tão bizarra eu tive ontem ao colocar a mão na minha frente... Senti todo o meu esqueleto. Mas senti-o singularmente. Senti-o em sombra. É verdade: quando levei a mão á minha frente, senti que por debaixo dela se esgueirava a sombra esguia do meu esqueleto. Era esta a expressão da dor maxima, compreendi. Mas porquê... porquê?... E se eu enlouquecesse?...»

Muitas vezes o artista, para remedio da sua angústia, pensava no suicidio. E então dilacerava-o uma ternura infinita, uma piedade ilimitada por si proprio. Pois havia de se destruir, êle?... Sim, era essa talvez a salvação... Que tristeza!... E via-se alguém que atravessasse uma ponte transportando um fardo precioso e que, por não ter mais forças para o carregar, fosse obrigado a lança-lo ao rio, no ultimo desânimo, perto já do seu destino.

Emtanto por mais duma vez ele decidira, positivamente decidira, meter uma bala no coração. Chegára a comprar uma pistola. Mas por fim, até hoje, sempre renunciara á sua ideia numa grande alegria—alegria porém logo dispersada: É que, mesmo não se suicidando, havia de morrer mais tarde. *Ainda se, ao menos, o não suicidar-se lhe evitasse a morte...*

II

Sim, precisava ancorar porque era preciso viver para as suas obras.

Ha bem pouco recebera uma carta dum amigo intimo. Em resposta aos seus lamentos, aos seus gritos de desolação, dizia-lhe este, depois de rodeios em que se desculpava por aconselhar tal remedio a uma alma genial como a sua, que talvez (estava mesmo certo) as horas se lhe erguessem, se lhe limpassem, se êle quisesse procurar uma companheira gentil, acariciadora, que o entendesse um pouco e a quem o artista desse a vida—isto é: que fosse a razão, emfim, da sua existencia destrambelhada.

Porque era verdade: até hoje a sua vida fôra passada aos tombos e aos gritos. Afogueado, suado de alma, tendo visto todas as coisas mas nenhuma inteiramente conhecido—sentia-se uma criança que, na ansia de jogar com todos os brinquedos que ao mesmo tempo lhe houvessem dado, se lançasse sobre eles, mal tocando em cada, e logo farta, desencantada, por saber o que todos faziam, sem verdadeiramente ter brincado com nenhum...

Uma companheira... uma companheira... Uma noiva talvez... Sim, ás horas enternecidas, por vezes ele sofrera a nostalgia dumas mãos brancas que lhe apertassem os dedos... e duma bôca húmida que se vergasse para a sua... e de tranças louras bem cheirosas a mocidade e a amor...

... As ruas duma grande quinta; um ar sadio, aureolado—confiança, singeleza, paz...

Por isso, respondera ao amigo que fôra inutil pedir perdão pelo conselho. Oh, se essa companheira existisse... se a encontrasse... Sim, sim, talvez fosse esse o remedio da sua vida...

Procurá-la?...

Ai, para quê, procurá-la...

Se fosse como todos... Mas não. Ele, ao amor, exigia que fosse o amor. E o amor não existe.

Nem eram sequer lances de paixão, requintes estranhos ou perversões longinquas que sonhava. Apenas isto: uma alma que conhecesse inteiramente e que também lhe soubesse toda a alma. Sendo assim, o maior affecto as uniria. E punha-se a antevisionar uma existencia quimerica: ele, o Artista, realisando pouco a pouco, sem febre, ungidamente, as suas obras imortais, acastelando sonho após sonho—e em baixo, quando do alto da montanha olhasse, uma vida de aurora: uma companheira sincera, expontanea, pequenina e loira, a beneficiar-lhe a existencia, a aquecer-lha... Braços nus e rosas brancas desfolhadas.

No fundo queria muito á vida. Eh! não o fossem imaginar alguém divagando por outras regiões, fechado numa torre de marfim erguida além-ceu. Simplesmente amava uma vida despida de tudo quanto nela o nauseava. Ora o que o nauseava era precisamente a vida de todos e de todos os dias...

Não, estava decidido, não fôra feito para a felicidade.

O remedio era outro: renunciar, vivendo, ou vencer, morrendo.

Já raras vezes procurara até vagamente essa companheira afectuosa. Mas fugira sempre apavorado do abismo que, ao aproximar-se um pouco, se lhe deparara entre ele e a encantadora. De modo que a todas podia aplicar a frase que escrevera a uma: «Na tua vida, meu amor, eu não fui sequer alguém que passou, alguém que surgiu — fui um desaparecido»

A incompreensão!

Fôra esta a barreira em que sempre tropeçara e em que sempre havia de tropeçar — era irremediável, demasiadamente o sabia.

De resto essa barreira interpunha-se entre todos os homens — os perpetuos isolados. Apenas, a *maioria* se contentava em trocar olhares, sinais vagos, de cada margem do abismo. E nenhuma destas almas diligenciava sequer aproximar-se da outra, que existia além do precipício! . . . *Era como se fosse impossível.*

Ao fim duma convivência de muitos anos, duma convivência quotidiana, jámais toldada, se os velhos esposos se olharem bem, se se descerem bem, encontrar-se-hão — ai, fatalmente se encontrarão — dois estranhos separados por mil ninharias; mil pequenas mentiras, mil deslialdades insignificantes. As suas almas nunca se souberam — mesmo que, sinceramente, eles tenham acreditado na sua amizade e no seu amor.

. . . É que a amizade, na vida-normal, não passa duma ideia falsa, dum preconceito a que pouco a pouco nos fomos adaptando. E o amor. . . Ora, uns laivos de literatura barata e de espasmos humidos com que excitámos a convenção e a unguimos de pacotilha. . .

Aliás o artista concordava em como era difícil desvendar uma alma. Mesmo quando nós queremos dizer a nossa a um amigo querido — escapam-nos sempre alguns detalhes que não podemos explicar, talvez á falta de palavras, e que sentimos serem exactamente aqueles que a descreveriam em toda a luz. Estrebuchamos, debatem-nos contra um denso véu que não logramos romper, *que só sossobriria se o nosso interlocutor nos compreendesse por outra coisa — não por palavras.*

E eis porque ás vezes o artista receava: «Seriam as almas segredos?»

Ah, se ao menos sofresse. . . Sim, em ultimo caso, era possível que fosse encontrar no sofrimento o sentido da sua vida — a raiz. Pressentira-o quando uma noite, ao caminhar solitario por uma rua estreita, cheio de tristeza sofrida, se descobrira muito mais feliz, com a existencia bem mais cheia e embelezada, do que ainda ha pouco, por uma grande praça, antes de lhe descer essa amargura. E talvez fosse justamente por esse motivo que, num requinte, embora sem premeditação, ele desprezava — para os vincar de sofrimento e assim os tornar mais sensíveis — alguns raros instantes que, se os ampliasse, lhe poderiam seguir dourados. Assim, ainda essa tarde o ansioso de ternura, aquele que se lastimava por nada lhe succeder, renunciara á rapariga gentil que lhe sorrira no boulevard, tão expontanea e amoravel. . . Em vez de lhe apertar as mãos, falara-lhe em fantasia, dissera-lhe um adeus sem caricia, deixara-a perder para sempre. . .

Mas é que, na realidade, ele nem mesmo sofria. Pois no seu espirito tudo se alterava diluido em literatura. Das suas dôres motivadas e das suas tristezas imateriais, apenas trouxera obras-primas. Ora em face das maravilhas que umas e outras lhe suscitavam, logo claramente deixava de as sofrer para só as abençoar e admirar.

A sua dôr, emfim, era, quando muito, a melancolia que nos fica da leitura dum livro angustiante e imortal.

Sentia-se numa grande intensidade por essa tarde linda de inverno. A multidão pejava os boulevards europeus da grande capital — uma multidão bem contemporanea, ultra-civilisada e latina. E o artista que sempre se aprazera tanto no ondear da vida moderna, levado pela corrente, era quasi feliz. Subira-lhe ao cerebro, como um alcool de extase, toda a agitação urbana. . .

Esvaido num entusiasmo azul, á sêde de ventura, pôs-se a entre-sonhar, como que acordado entre nuvens de ópio. Achara finalmente a sua companheira d'alma — achara-a uma tarde rôxa de sol, nos jardins maravilhosos dum grande palacio rial acastelado e historico. Tudo fôra quimera. . . Conhecera-a por acaso e logo, ás primeiras palavras, fremira adivinhando-a. . . Depois, com o prosseguir das tardes cari-

nhosas, pouco a pouco descera a sua alma — num assombro, numa irrealdade . . . Não, não era engano! Descobrira-A emfim, tinha-A emfim ao seu lado! . . . Aquela alma saberia sonhar toda a sua, bem como já não guardava segredos para a dele. Aurora! Aurora! . . .

E percorria, construindo-os, mil episódios gentis, banalmente quotidianos, até á realisação inteira da sua ansia — divagava toda a paisagem rural em que a sua felicidade desabrochava, esboçava o perfil da encantadora, via as suas tranças, as suas joias, os seus pés nus na agua fria dum regato, o seu rubor, os seus beijos e sorrisos, os seus véus, os seus dedos agrestes de unhas polidas, vermelhas . . .

Mas, de subito, um ruido dissonante fe-lo despertar, e logo uma raiva estranha se apoderou do seu espirito. Pois como lhe havia de succeder alguma coisa, se tudo imaginava? Era, claro, o bastante haver sonhado dantemão um scenario, um enredo, uma figura — para jamais viajar esse panorama, viver esse episodio, conhecer essa personagem. Sonhos não se realisam. Ora ele sonhava tudo . . .

Não tinha repugnancias morais — só tinha repugnancias fisicas e, nesse sentido, as maiores repugnancias. Sabia-se capaz de roubar, mas não de matar.

Eram estes talvez os segredos da sua vida deserta; eis pelo que talvez a sua vida se restringia ao moral — isto é: ao irreal.

O mais perturbador emtanto era que, de tudo isto, trazia em verdade uma angústia invencivel — mas ao mesmo tempo um orgulho de aureola, um orgulho imenso, tão cioso e dourado que talvez fosse ele até que lhe criasse todas as impossibilidades, imaginariamente.

De subito, sem saber como, encontrou-se num grande jardim tradicional e romantico. Foi-o percorrendo enternecido, a olhar naquele ar humido, sadiamente aromatico, as crianças jogando a correrem afogueadas, de pernas nuas, e raparigas loiras lendo livros de versos ou, de mãos enlaçadas, a falarem com os seus companheiros, jovens como elas. A gente-média, a gente feliz . . .

As crianças . . .

Era agora um turbilhão em seu redór. Perto, um orgão de Barbaria rouquejava musica. Aproximou-se; parou em frente dum corroussel infantil . . . O aparelho girava vertiginoso, numa alegria de feira, transportando um enxame de crianças a montarem a rir, bem convictas, elefantes e pombas, leões e abelhas, panteras e cisnes.

Ora o artista, quando olhava para a sua infancia, sofria uma saudade tão grande, um enternecimento tão comovido . . . Só nessa época indecisa ele fôra feliz — tivera tudo. E porquê? Percebera-o nitidamente nesse instante — tinha ali o exemplo em sua face: É que, na infancia, não possuímos ainda o sentido da impossibilidade; *tanto podemos cavalgar um leão como uma abelha* . . .

III

Noite a noite o sofrimento do artista se fôra exacerbando. Mais do que nunca, sentia agora uma necessidade atroz de aportar. Pois num ultimo tédio, olhando a existencia, vinha-lhe a sensação incoerentemente bizarra, de que as horas o arrastavam consigo na sua carreira alucinante, e de que ele entretanto permanecia sempre no mesmo tempo . . .

Se se descia bem, se se media bem, achava-se numa grande amargura sem forças para se vencer. De modo que era este o seu futuro — conformára-se — : ir-se habituando instante a instante á ideia do suicidio. Uma vez, era fatal, chegar-lhe-hia a força de se destruir, de ser vencido, já que não podia vencer — em suma, de pôr termo áquella situação intoleravel, humida, estagnada, viscosa . . .

E foi, desde aí, só esta a sua esperanza. Mas, esperanza triste que fazia por olvidar, esquecendo-se a si proprio, anestesiando-se com a vida diaria . . .

Como todas as tardes, lá divagava ele, solitario, pelas grandes ruas . . .

De subito, num gesto expansivo, alguém lhe estendeu a mão . . . Era um conhecimento banal, a quem nada o ligava, que ha muito não via — mesmo com quem raras palavras tinha trocado ainda . . .

... E á noite, cedo, ao encaminhar-se para sua casa, a pé, o artista ia relembrando as agradáveis horas que passara com esse estrangeiro distante. Como fôra encontrar nele uma alma aberta, e ampla, e intensa...

Tinham pouco falado de arte, imediatamente resvalando, numa subita intimidade, para a descrição das suas próprias almas. E que pontos de contacto logo acharam entre si! Como o artista, também o estrangeiro delirava em grandes ideais — e pem grande torpões, grandes nauseas. Às vezes, confessara-lhe até, assaltava-o um desejo esbraseado de enlouquecer a fim de pôr termo á sua vida, de qualquer forma, e não pensar mais nela. O suicidio repugnava-lhe — quisera sempre tão orgulhosamente á existencia... E, doido, existiria — embora morto na ansia, tranquilo, morfinizado, visto que por convulsionada que fosse a sua loucura, nunca o seria tanto como a sua vida de aspiração. O artista concordava com ele. Endoidecer — que vitória!... E posera-se a falar de si. Contara-lhe como se sentia vogando ao sabor da corrente, barco sem amarras, ébrio de ouro sobre a agua profunda, lodacenta, amarga. Descrevera-lhe a sua angústia. Dissera-lhe do segredo eterno das almas. E o estrangeiro observára:

— É desolador, é horrivel. Duas almas, por mais liais, por mais unidas, separa-as sempre um turbilhão de pequeninas coisas que se aglomeram em uma nuvem impossível de varar. *Mas, ai, quem sabe se é por isso mesmo que elas existem...*

Emfim, emfim, tinha achado um belo companheiro — ele que ha tanto não encontrava um homem. E a convivencia entre os dois proseguiria...

Esteve uma semana sem o ver. Durante ela a sua angústia foi a mais dolorosa. Parecia-lhe realmente tocar um limite.

Endoidecer! — ah, se conseguisse semelhante triunfo...

Numa obsessão, o seu cerebro imaginoso, o seu cerebro literario, logo começou a trabalhar essa ideia, depressa fantasiando um homem que, no desejo de enlouquecer, saísse á rua e desfechasse de subito um tiro sobre a primeira criatura que passasse e ele não conhecesse. Escolheria mesmo uma rapariguinha galante, suave e loira, porque se escolhe sempre em todas as circunstancias. Assim haveria um pouco de ternura na tragedia. Ora esse homem, matando alguém que nunca encontrara, cometera um acto injustificado — isto é: *um acto de loucura*. Seria preso. Explicaria o seu crime: fôra para endoidecer, praticando uma acção incoerente, que assassinara — e juntaria a razão enternecida porque escolhera a sua victima. Á primeira vista este homem deixava de ser um doido: houvera um motivo no seu crime — querer endoidecer. Mas, por amor de Deus, tal motivo melhor vinha provar ainda a sua loucura: só a um doido podia ocorrer semelhante ideia. E emfim o assassino seria dado por irresponsavel, seguramente, e encerrado em um manicómio...

Porém, na verdade, depois de se ver em tal situação encruzilhada, este homem era ou não era um doido? Misterio. Pois êle chegara a essa situação *coerentemente louca* por um raciocinio bem seguido, bem voluntario e bem certo.

Emtanto, colocando-se dentro da sua personagem, o artista logo concluiu que esse homem, *ainda que não fosse um doido*, havia de enlouquecer, sem duvida — pelo menos após a sua entrada no manicómio — na ansia de se descer e atingir se tinha ou não vencido.

Sim, tamanho rodopio afogueado havia de silvá-lo, que fatalmente as ideias se lhe emmaranhariam até sossobrar no asul, num ultimo crepusculo...

... E de todo este estranho devaneio, é claro, só restou ao artista o assunto para uma das suas complicadas novelas. Aliás sucedia-lhe sempre o mesmo — com as suas divagações, e as suas tristezas, as suas dôres. *Por isso nunca se tomara a serio.*

O sofrimento fisico em que se lhe convertera ha muito a desolação moral, era agora requintadamente torturante: Ainda o mesmo alcool, o mesmo sôno em toda a sua carne. Mas outrora essa vontade impossível de dormir, que era a febre da sua alma angustiada, espalhava-se-lhe pelo corpo inteiro. Emquanto que hoje, entre a carne sonolenta, havia pequenas porções, intervalos nitidos, bem despertos. O que mais o ennastrava de angustia pois, destrambelhadamente, lhe vinha enclavinar em torpôr excitado a ansia abatida desse quebranto infernal.

Correram alguns dias. De novo encontrou o estrangeiro.

Uma bela convivencia se ia agora prolongando entre os dois; quasi todas as tardes passavam algumas horas juntos — e uma vez o amigo disse-lhe para vir jantar

com ele, a sua casa. Habitava com a família, o pai e duas irmãs, uma linda propriedade nos arredores da capital assombrosa. Queria-lhe ler um poema, e mostrar-lhe os seus livros e as flores da quinta. Tanto insistiu que o artista, preferindo recusar, aceitou.

Pelo caminho foi-se lembrando que era essa a primeira vez que alguém o levava a jantar em sua casa, com a sua família . . .

IV

. . . E agora, ás tardes perfumadas, ele revia etéreamente todo aquele sonho, hoje bem real, junto da sua companheira afectuosa, no jardim singelo da «vila» isolada que os noivos tinham vindo habitar num país do sul — o país do artista, um país luminoso . . .

Maravilha! Maravilha!

Quando o amigo lhe apresentara a sua irmã mais velha, quem lhe dissera que naquele corpinho lindo e fútil estava a realização do seu sonho? . . . Mas logo depois, pouco a pouco, irrealmente, de enlevo em enlevo, fôra descobrindo naquela alma A que nunca esperara encontrar — a velada subtil! Até que, de quimera em quimera, erguera enfim a realidade, salvando a sua vida na aventura inegalável. E hoje — vitória azul! — tinha *alguem*: alguém que sabia inteiramente quasi, alguém que não era um estranho, um desconhecido astral; alguém que, por seu turno, o compreendia já sem segredo.

Aureola! Aureola! Lançara pontes sobre o abismo insuperável — conquistador iriado da sombra; e pela vez primeira, duas almas estavam ali, sim, face a face, libertas de misterio! . . .

O esforço de romper uma ténue rêde aurea, e seria inteira a sua gloria . . .

Ah! como se encontrava radiosamente feliz, hoje . . .

Tinha concavos de mãos brancas, sadias, onde mergulhar os seus dedos ansiosos, e uns lábios dourados para morder — toda uma carne sensível a divagar. Sentia vida dentro de si, ele que sempre vivera em morte. *Tinha*, finalmente, ele que nunca tivera. Pois agora, ao fremir sobre o corpo gentil da amante precoce, daquela pequenina esposa que se lhe entregava com toda a carne velada em rubor, ondeante de rosas — um orgulho infinito o ascendia porque, nas suas mãos, em extases ruivos, oscilava, realmente oscilava, não só um corpo — como outrora, nos abraços desiludidos — mas também uma alma. E, vibrando esse corpo, emmaranhava ao mesmo tempo essa alma — sim, possuía-a carnalmente, em ansia rôxa, num espasmo de crepusculo, numa agonia fluida, num arrepio de aureola esbatida, subtil de transparência sonora . . .

Noite a noite o triunfo era mais nitido, era mais sensível. Emtanto alguma coisa faltava ainda — uma pequena luz — para chegar ao fim: ao além, que ele entrevia definitivo de Oriente, e musical, ecoando timbres esguios de arômas ritmizados.

Sim! Sim! Erguera-se! Deixara de ser um estranho: coisa alguma o isolava dessa alma estremecida! Companheiras ideais, heroicas e profundas, reciprocamente se haviam aprendido aquelas duas almas. E era-lhe ainda mais caricioso saber dalguem que o conhecia sem segredo, do que ter varado enfim o misterio dalguem.

Ai, como ele sofrera outrora nos seus grandes momentos de ternura maguada, á ansia de se lançar — pobre coisa, triste coisa — nos braços dalguem que, *sem palavras*, o entendesse um pouco, sentisse um pouco a sua dôr. E em face da incompreensão total, mesmo de certos amigos liais que na verdade o estimavam e que, não obstante, tão a miudo o feriam — quantas vezes não sufocara um desejo feroz, um desejo perverso, de lhes atirar com a sua alma como quem arremessasse com um globo de ouro, tilitante de luzes . . . E então, que eles ainda lha poluissem — que lha pisassem, ah, que lha pisassem! . . .

Hoje porém vencera. Irrealidade! — tinha o que sonhara! Tinha uma doce companheira a cujos braços débeis se podia confiar silencioso e que, em silencio, adivinhava os segredos da sua alma — as pequeninas coisas veladas que se não sabem dizer — enfim: alguém que lhe *sentia* toda a alma como se *sente* uma obra genial.

Pela primeira vez não estava só. Com efeito, como nunca existira em relação a ninguém, andara sempre só — mesmo na companhia dos seus camaradas se sentira sempre um ausente. Apenas vivera um pouco mais acompanhado, no estrangeiro, em grandes períodos de isolamento, devido á concentração do seu espirito, tanto mais intensa quanto menos o atingia a vida diaria, e que por isso o lembrava melhor a si proprio, o fazia viver um pouco mais dentro de si. Hoje, como existia em relação a outra alma, *como achara a sua alma perfeita*, vivia enfim realmente acompanhado.

Muita vez o artista presentira que lhe faltava qualquer coisa que os outros possuíam. Ignorava o quê. Emtanto, fosse o que fosse, tinha a certeza que se resumiria num ponto de referencia. Pois bem : hoje preencherá esse vácuo. Eis tudo.

E mesmo, em verdade, só agora é que se conhecia — *por haver alguém que o conhecia*. Triunfara. Deixara de ser um isolado — mas realmente ; não como os outros, hipocritamente.

Nessa atmosfera cariciosa e tépida o seu corpo destrinchara-se — porque era assim : ele tivera sempre a sensação de que o seu corpo andava ennastrado, contorcido, embaralhado.

Se se divagava, logo via, numa ascensão, como se lhe substituirá o scenario d'alma. Amanhecera dentro de si numa antemanhã gloriosa. Todas as nuvens se haviam desacastelado, deixando o sol raiar sobre o oiro. Um montão de coisas cinzentas se desmoronara em ruínas de azul. As sarapilheiras tinham voadó, descobrindo móveis de marfim e prata . . .

Depois, ele percorria-se hoje em largas avenidas, emquanto que outrora, dentro de si, apenas tropeçava por bécos e saguões.

Tambem lhe não vinham já desejos de se estender no chão, ao comprido, nas ruas das grandes capitais, como dantes — talvez por ser essa a posição dos mortos sob a terra.

A sua alma que fôra sempre um canal estreito, viscoso e mefítico — ou, quando muito, um pantano aluarado — era hoje uma torre branca erguida a meio do mar.

A sua vida enfim, lançara amarras — fundeara numa baía de festa, cheia de sol, embandeirada, ruidosa, imensa, ondeante de mastros e velas.

Tudo era horisonte em seu futuro.

.....

A «vila» que os noivos tinham vindo habitar, engrinaldava bem uma felicidade milagrosa como aquela. Assemelhava-se a um desses sensatos «cottages» ingleses e, por fôra, revestia-a um manto de glicínias. Um jardim afectuoso, muito verde, todo relvado e aromático, cingia-a num círculo de frescura e saúde. Em volta, um grande isolamento. Apenas, a uma centena de metros, fronteiramente quasi, uma outra «vila» habitada por um poeta doído e o seu enfermeiro. Um jardineiro e uma criada velha serviam os dois noivos.

Emtanto, a capital adivinhava-se ao longe num tumultuar de luzes, pressentida num vago éco a movimento e a civilisação que melhor vinha frizar ainda a tranquillidade e o isolamento da moradia encantada.

.....

Sim, sim ! — tivera um termo a sua vida.

Pois toda a existencia futura ele a percorria do presente, em bonança : arômas novos, novos sons, outras côres, no mesmo fundo eterno a ouro e a azul. Sem mais estrebuchar, ir-se-hiam criando as suas obras, lisamente, em paz, só em febre ideal — e nunca lhe faltaria um ombro dócil para recostar a sua frente sagrada.

Estava prestes agora a fulgir o ultimo triunfo — a comunhão inteira daquelas duas almas. E era tão grande a felicidade do artista, tão sonhada, que lhe vinha até um desejo singular de morrer com a companheira das rosas. Mas esse desejo logo se dispersava, claramente, numa ansia de vida, num júbilo de mãos frias que lhe ennastravam os dedos.

Emtanto, com as ideias de morte, tambem uma dúvida — longinqua dúvida — o assaltara : *Poder-se-hiam, em verdade, abater todas as barreiras entre duas almas ? . . .*

la sabê-lo essa noite. Sim, essa noite — estava certo — havia de atingir o além

da sua felicidade: a ténue rêde de ouro que, embora translucidamente, ainda separava as duas almas, voaria emfim dispersa.

Por isso era a sua gloria ilimitada quando, ao recolher, subindo para o seu quarto, entrelaçara o corpo agreste da amante aureoral e a mordera na boca, confundido com ela na mesma sombra . . .

V

A loucura do poeta que vivia proximo, era a loucura tranqüila e etérea dum naufrago do irreal. Assim os seus amigos, compadecidamente, lhe tinham evitado o manicómio, isolando-o naquella vivenda carinhosa e aprazivel.

Emtanto, essa noite passou-a ele muito agitado. Numa grande vibração, só queria vir á varanda do seu quarto — e debruçava-se olhando o espaço.

Seriam umas tres horas, erguera-se mesmo do leito e de novo correrá á varanda. De subito — segundo o enfermeiro devia contar no outro dia — esgasearam-se-lhe os olhos, todo o seu corpo oscilára e, apontando na «vila» fronteira a janela do quarto dos noivos, tinha soltado um grito estridente. Depois, num delirio, contara que vira sair por essa janela uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes: uma forma luminosa que galgara o parapeito e que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida . . .

Na manhã seguinte, como fossem onze horas e os patrões não dessem sinal de si — eles, tão matinaes — a velha criada decidiu ir acordá-los. Bateu á porta, chamou-os, gritou . . . Não obtendo resposta, dispôs-se a entrar. Mas, coisa bizarra, a porta estava fechada por dentro, quando, habitualmente, eles a deixavam entreaberta para o ar circular. Então, num pavor, correu a dizer o caso estranho ao jardineiro que, por seu turno, subiu ao quarto dos noivos. Chamou. Como ninguem lhe respondesse, deliberou por ultimo forçar a porta, cuja chave tinha ficado no trinco, do lado interior . . .

No grande leito, serenamente, dormiam os amorosos. Apenas os seus corpos estavam rigidos e frios. Mas nem um sinal de violencia, uma beliscadura.

Pelo quarto, nenhum vestigio de luta. Tudo no seu lugar. As joias sobre o toilette. Nem uma arma. Nem mesmo um frasco que pudesse ter contido um liquido venenoso. Coisa alguma, emfim, coisa alguma. Nem um rastro, uma pègada. A porta ficara fechada por dentro. A janela, entreaberta. Mas a janela rasgava-se á altura dum segundo andar. Fôra impossivel encostar-lhe uma escada sem deixar vestigios, sem amachucar as glicinias.

E em todo o decorrer das diligencias policiaes, apenas se averiguou que o poeta doído tinha passado essa noite numa agitação desabitual e que affirmara ter visto, pela madrugada, galgar a janela do quarto dos mortos uma chama, uma grande e estranha chama, ou antes, uma forma luminosa que, num espasmo arqueado, numa ondulação difusa, ascendera, voara perdida . . .

Triunfo? Quebranto? . . .

— Misterio, perturbador misterio . . .